

OS DEMÔNIOS FEMININOS: A DEMONIZAÇÃO DA MULHER E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA DO ESTUPRO¹

Ana Rita Lima Gomes²
Luciana Onety da Gama Sobral³

RESUMO

Por muitos anos a figura do feminino tem sido ligada à derrocada da humanidade a tentação do homem. Na Igreja cristã tem-se a figura da Eva, culpada dos males que assolam o mundo, uma vez que foi ela a causadora do pecado e conseqüentemente, da morte, devido à sua fraqueza moral. Na mitologia Grega o mito de Pandora tenta dar conta de explicar as mazelas da humanidade a partir do pecado da curiosidade, responsável por trazer todos os males a humanidade. Na idade média a figura das bruxas foi marcante na sociedade europeia, acusadas de levar o homem as práticas pecaminosas, orgiásticas, as bruxas eram a personificação domal na forma de mulheres. Esse discurso se torna tão intenso que as ideias perpassam a história chegando aos dias atuais, onde a mulher ainda é culpabilizada por seu sofrimento, abrangendo também ao estupro.

Palavras chaves: Bruxas; Machismo; Misoginia; Demônios; Estupro.

INTRODUÇÃO

Em 2017 o número de estupros no Brasil teve um aumento significativo. Os registros oficiais apontam para mais de 60 mil casos de violência sexual, uma média de 164 por dia. Segundo dados da polícia, a cada dez minutos uma mulher é estuprada no país, este índice pode ser ainda mais alarmante, pois, na sua maioria, os casos não são denunciados pelas vítimas, que por medo de julgamentos, exposição ou de vingança do agressor se calam diante deste crime (JORNAL NACIONAL, 2018).

Em diferentes culturas a prática do estupro tem uma justificativa, sendo na maioria das vezes pelo argumento da culpabilização da vítima que devido a roupa que estava usando ou até mesmo o horário em que se encontrava na rua é entendida como aquela que estava “pedindo” por este ataque. Ignora-se assim a ideia de que o estupro também ocorre em países onde a mulher se veste cobrindo todo o corpo, usa a burca e tem uma vida bastante restrita. Esta ideia de que “a mulher queria ser estuprada” é uma forma de trivializar este crime (VILHENA; ZAMORA, 2004).

A partir de leituras iniciais pode-se chegar à hipótese de que desde a sociedade

¹ Esse artigo foi produzido em 2017 no âmbito da Iniciação Científica da UNIJORGE, linha de pesquisa História Moderna, sob a coordenação da professora mestra Luciana Onety da Gama Sobral.

² Licenciada em História pelo Centro Universitário Jorge Amado.

³ Mestre em História Social pela UFBA. Professora e coordenadora dos cursos de Letras e História da UNIJORGE.

patriarcal, quando tornou-se regra nas sociedades ocidentais, a figura feminina é diminuída e ligada apenas à ideia de submissão ao seu marido tendo como maior objetivo satisfazê-lo. Aquela que se distancia dessa ideia se torna culpada por todos os males que a assola, incluindo o estupro, até mesmo por parte de seu próprio esposo (DIOTTO; BUZATTI SOUTO, 2016).

DE EVA A PANDORA: O INÍCIO DA CULPABILIZAÇÃO DA MULHER

No decorrer da história a mulher foi abordada como instrumento do mal, até antes da consolidação do cristianismo no imaginário popular. Na mitologia grega, ela se apresenta através da figura de Pandora, que devido a sua curiosidade acaba por abrir uma caixa onde liberta todos os males para o mundo dos humanos, tornando-se então a principal culpada por todas as mazelas que o homem passa a sofrer (LIEBEL, 2004).

O cristianismo apresenta a primeira pecadora, Eva, que já na sua criação é tida como um ser inferior ao homem. Eva é criada a partir de uma das costelas de Adão, logo, nunca seria igual ao seu parceiro e sempre viveria à sua sombra e por ter vindo de um osso torto permaneceria sempre inclinada para o pecado, sendo então considerada um ser traiçoeiro desde a sua origem (LIEBEL, 2004).

Martins (2015) afirma, ao retomar as ideias de São Tomás de Aquino, que a mulher, apesar de ter sido criada pela imagem e semelhança de Deus, é um ser imperfeito e deficiente. Santo Agostinho relata em seus escritos que o homem deveria se precaver da “Eva Pecadora” que coabitava em cada mulher (GEVEHR; SOUZA, 2014). Segundo Liebel (2004), Eva é a pecadora que provoca a perda do paraíso, desse modo a mulher é a perdição do homem e uma arma do diabo para seduzir e arrastá-lo para luxúria e para vida em pecado.

A MULHER NO CONTEXTO DA IDADE MÉDIA

Segundo Liebel (2004), com a grande propagação da imprensa durante a época moderna tem-se um amplo alcance popular os sermões, os quais procuravam tipificar a mulher colocando-a como um “diabo doméstico”. Desse modo, eram vistas como uma espécie de demônio que devia ser controlado pelo homem, dentro do íntimo da família. Naquele momento a figura da mulher foi ligada à submissão do seu marido, tendo teólogos como Santo Agostinho e Tomás de Aquino como defensores da ideia de que a mulher é um ser imperfeito e por isso deve ser submissa ao homem, devido o entendimento de que apenas o masculino possui a sabedoria para moldar a mulher de forma correta.

As mulheres carregam culpas as quais são justificadas socialmente pela crença de que são filhas de Eva, a primeira pecadora, tendo assim a castidade como penitência. Para aquelas

que são casadas, as consequências são outras e estão relacionadas a diminuição de atos sexuais para a impossibilidade de reprodução, a qual consistia como fim último para elas. Para teólogos da Idade Média, a mulher era o principal instrumento de Satanás, sua fácil dominação e poder de persuadir a figura masculina eram instrumentos perfeitos para o inimigo conseguir adentrar na vida do homem (GEVEHR; SOUZA, 2014).

A CULTURA DO ESTUPRO E A CULPABILIZAÇÃO DA VITIMA

Segundo a socióloga Marlise Matos (2016) a expressão “cultura do estupro” configura uma banalização do fenômeno de violência contra a mulher, que, vale ressaltar, atinge todas as classes sociais (ALMEIDA, 2016). O ato do estupro é uma forma de dominação masculina para com o corpo feminino da sua forma mais violenta possível. Como vimos mais acima, o corpo feminino é permanentemente objetificado e posto a serviço do desejo do homem.

Outro motivo da naturalização da violência é a ideia de que a vítima é a culpada do estupro. Nesse contexto, surgem perguntas como: “em qual o horário você estava andando?”; “qual roupa você usava?”; “onde você estava?”. Esses questionamentos ajudam a insinuar que a mulher procura esta situação, pois não segue a cartilha ideal de comportamento.

Engana-se quem acredita que a prática de culpabilização é um ato recente. Se retormarmos histórias da cultura grega, veremos o exemplo de Medusa que foi estuprada por Poseidon no templo de Atena, pois o mesmo não aceitava a sua negativa ao ato sexual. Assim que Atena, deusa da sabedoria, descobre o ocorrido, culpa Medusa por ter deixado invadir o seu templo e perder a virgindade que a deusa tanto valorizava em si e em suas fiéis. Como consequência dessas ações, Medusa teve toda sua beleza substituída. Sua pele, antes viçosa, foi forrada por escamas, seus cabelos longos se tornaram ninhos de serpentes (NIZ, 2005).

Na Bíblia, uma das maiores fontes de estudos do cristianismo, é possível encontrar claras passagens que falam da prática do estupro. Exemplo disso está no livro de Deuteronômio, o qual diz que:

Se um homem encontrar uma jovem virgem, que não seja casada, e, tomando-a, dormir com ela, e forem apanhados, esse homem dará ao pai da jovem cinquenta siclos de prata, e ela tornar-se-á sua mulher. Como a deflorou, não poderá repudiá-la (BÍBLIA, Dt. 22, 28-29).

Ainda no mesmo livro bíblico, há apresentação do argumento de culpabilização da mulher ao afirmar que:

Quando houver moça virgem, desposada, eu um homem a achar na cidade, e se deitar com ela, então trarão ambos à porta daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porquanto humilhou a mulher do

seu próximo; assim tirarás o mal do meio de ti (BÍBLIA, Dt. 22, 23-24).

Para Elle White citada por Ribamar Diniz (2019): “A Bíblia é a Palavra de Deus e o principal e autorizado meio pelo qual Ele se revela aos seres humanos” (WHITE, *apud* DINIZ, 2019, p. 1). É por pensamentos similares a esses que entendemos a importância da Bíblia para a vida cristã ocidental. Muitos acreditam que é pelas palavras trazidas no chamado “livro sagrado” que Deus comunica e explica qual o exemplo para ser perfeito deve ser seguido.

Desse modo, vemos reproduções em nossas sociedades como os evidenciados no livro Deuteronômio, em que a mulher é a culpada pelo seu estupro, pois não o denunciou para a cidade. Os textos bíblicos são repletos de passagens onde se insinua a prática do estupro. Vale salientar que a época em que a obra foi escrita, o sexo feminino era visto como inferior e um objeto. A mulher era vendida e submetida àquilo que o esposo ou aquele que detinha poder sobre ela queira. Vê-se isso em momentos em que os pais e até irmãos praticam o ato do estupro contra essas mulheres.

O NÚMERO DE ESTUPROS NO BRASIL

A violência sexual tem se tornado um dos maiores medos das mulheres no Brasil e no mundo. Nos noticiários o tema é recorrente e apesar de existir cada vez mais métodos e campanhas contra esses crimes, os números continuam cada vez mais altos. Segundo dados da Segurança Pública, o número de casos de estupros registrados em todo o país chegou a ser superior a 60 mil somente no ano de 2017. O estado do Mato Grosso do Sul tem a maior taxa de casos por habitantes, sendo que, a cada 100 mil habitantes, registra-se cerca de 70 mil estupros. O estado de São Paulo é o que mais tem ocorrências no país, com cerca de 11 mil casos (MÉDICI, 2018).

Outro dado preocupante é que a maioria dos casos de estupros acontecem dentro da própria casa das vítimas. São pais, tios, irmãos e até maridos os que utilizam do poder que tem para praticar tal ato. As garotas menores de 18 anos são um dos principais alvos desses agressores (MÉDICI, 2018). Um dos casos mais famosos de estupro no país foi do médico Roger Abdelmassih que abusou de dezenas de clientes durante os procedimentos de fertilização realizados por ele. Foram cerca de 35 denúncias de mulheres violentadas pelo médico entre os anos em que sua clínica esteve funcionando. Como consequência de seus crimes, foi condenado a 278 anos de prisão por 56 estupros. No decorrer dos anos sua pena foi ajustada, passou para 181 anos, 11 meses e 12 dias de reclusão, devido à prescrição de alguns crimes (BRANDINO, 2014).

OS ESTUPROS NO ESTADO DA BAHIA

As taxas de estupros são ainda mais inquietantes no Extremo-Sul da Bahia. Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública, em 2015 os casos da região superaram os da cidade de Salvador, capital do estado. Foram cerca de 520 crimes registrados para um território de 100 mil habitantes (PACHECO, 2016). Contudo, a capital baiana ainda lidera o número de casos absolutos, com 531 ocorrências durante janeiro e dezembro de 2015 (PACHECO, 2016).

Recentemente, um episódio chocou a capital baiana. Cerca de seis mulheres foram estupradas em Salvador após falsa entrevista de emprego. As cinco mulheres e uma adolescente não fizeram ocorrência inicialmente e o caso só chegou ao conhecimento da polícia após uma vistoria da segurança pública no Hospital da Mulher, localizado no bairro de Roma em Salvador. A vaga de emprego, ofertada em um aplicativo de compra e venda, não passava de uma armadilha para que essas mulheres necessitadas de serviços fossem violentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o passado do gênero feminino vem se tornando uma prática cada vez mais recorrente e presente nos trabalhos de historiadores. Através de leituras de documentos e fontes históricas, é possível compreender o contexto em que o sexo feminino foi inserido em outras épocas até dias atuais. Ao estudar a história da mulher e sua relação com o mundo patriarcal, tem-se bem destacada a ideia de sua submissão ao sexo masculino e com essa informação pode-se fazer uma analogia à cultura do estupro, que nada mais é do que a mais violenta das formas de submissão e controle.

Os casos de estupros, principalmente no Brasil, ainda são pouco denunciados. De acordo com Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apenas 10% dos casos vêm à tona:

Infelizmente a gente sabe que o crime de estupro é um dos que têm, no mundo, o maior número de subnotificações. Em geral, a pessoa que é vítima tem medo, tem vergonha, tem medo de ser vitimizada novamente na delegacia. Então muitas vezes ela não registra (BUENO *apud* ARCOVERDE; ARAÚJO, 2019, online).

Isso ocorre devido ao receio que essas vítimas tem em denunciar o ocorrido principalmente pelo discurso de culpabilização que elas carregam dentro de si, imposto pelos seus antepassados e construído historicamente. Portanto, faz-se urgente a necessidade de se levantar mais dados e de se analisar em profundidade a história da construção desse imaginário e buscar, pela pesquisa, desconstruí-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. A banalização da violência contra as mulheres e a “cultura do estupro” no Brasil. Entrevista concedida a Maria Aparecida Moura e Douglas de Oliveira Tomaz. **Revista Ágora: políticas públicas, comunicação e governança informacional**, v. 1, n. 1, p. 126-131, 2016.
- ARCOVERDE, Leo; ARAÚJO, Paula. Brasil registra 164 casos de estupro por dia em 2017. **Portal G1 SP**, 10 ago. 2018. São Paulo. Notícia. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/10/brasil-registra-164-casos-de-estupro-por-dia-em-2017.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Online. Versão Católica**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em 10 ago. 2019.
- BRANDINO, Géssica. Caso Roger Abdelmassih: médico cometia abusos sexuais em clínica de fertilização. **Portal Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha**, 17 out. 2014. Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/caso-roger-abdelmassih-medico-cometia-abusos-sexuais-em-clinica-de-fertilizacao/>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- DINIZ, Ribamar. **A importância da Bíblia e seu estudo**. Academia.Edu. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/5515614/A_IMPORT%C3%82NCIA_DA_BIBLIA_E_SEU_ESTUDO. Acesso em: 18 ago. 2019.
- DIOTTO, Nariel; BUZATTI SOUTO, Raquel. Aspectos históricos e legais sobre a cultura do estupro no Brasil. *In: Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15867>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licência&acturas**, v. 2, n. 1, p. 113-121, 2014.
- JORNAL NACIONAL. Casos de estupro aumentam no Brasil: foram 60 mil registros apenas em 2017. **Portal G1**, 18 ago. 2018. Jornal Nacional. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/10/casos-de-estupro-aumentam-no-brasil-foram-60-mil-registros-apenas-em-2017.ghtml>. Acesso em: 17 ago. 2019.
- LIEBEL, Silvia. **A demonização da mulher: A construção do discurso misógino no *Malleus Maleficarum***. Monografia. 2004. 74fls. Monografia (Curso de Graduação em História) – Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- MARTINS, Nereida S. A Maldição das Filhas de Eva: uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura judaico-cristã. *In: Encontro da ANPUHPB*, 3, 2015, João Pessoa. **(Anais)...** João Pessoa: 2015. p. 1-10. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF. Acesso em: 10 ago. 2019.
- MÉDICI, Daniel. Casos de estupro de vulnerável aumentam 28,5% em 2018 em São Paulo. **Portal G1 SP**, 18 mai. 2018. São Paulo. Notícia. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/casos-de-estupro-de-vulneravel-aumentam-285-em-2018-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2019.
- NIZ, Xavier. **Medusa**. Minnesota: Capstone press, 2005.
- PACHECO, Clarissa. Sul e Extremo-Sul lideram casos de estupro na Bahia. **Correio 24h**, 24 abr. 2016. Bahia. Notícias. Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sul-e-extremo-sul-lideram-casos-de-estupro-na-bahia/>. Acesso em: 12 ago. 2018.

VILHENA, Junia; ZAMORA, Maria Helena. Além do ato: os transbordamentos do estupro. **Revista Rio de Janeiro**, v. 1, n. 12, p. 115-129, 2004.